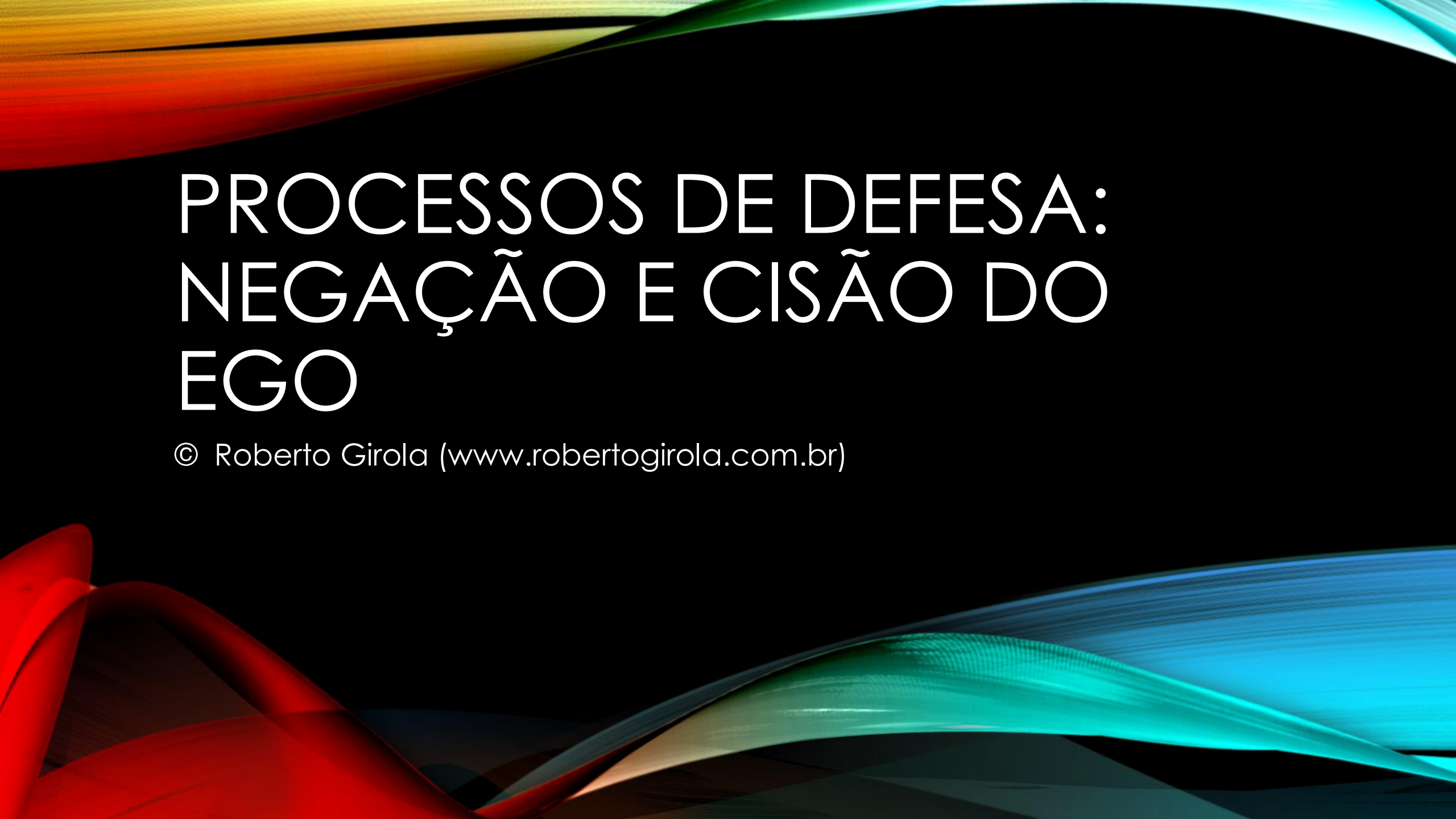




PROCESSOS DE DEFESA: NEGAÇÃO E CISÃO DO EGO

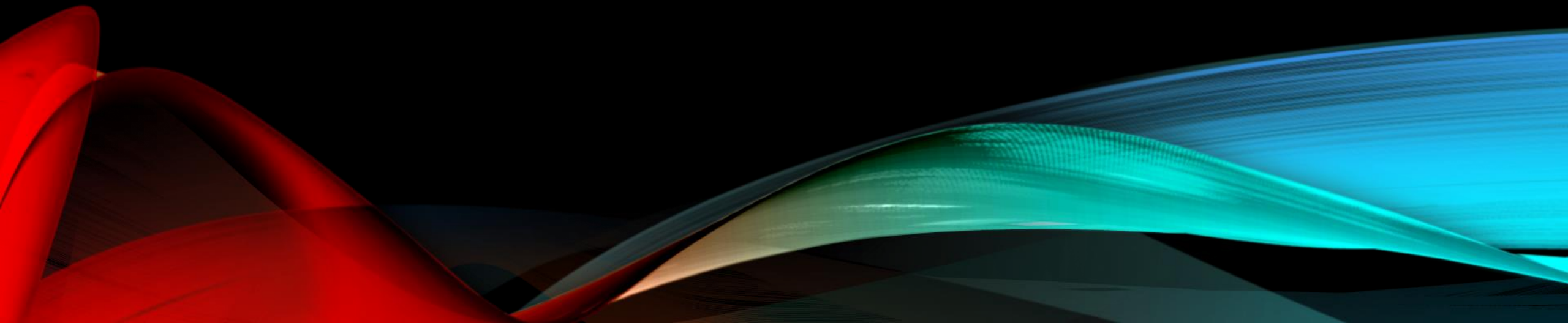
© Roberto Girola (www.robertogirola.com.br)

BIBLIOGRAFIA

- FREUD, S. (1923). *A Negativa*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XLIX Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1940[1938]). *Esboço de psicanálise (Cap. VIII): O aparelho psíquico e o mundo externo*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1938). *Divisão do Ego no processo de defesa*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- CARONE, M. A “negação”: um claro enigma de Freud. (cf. Texto anexo).
- ROUDINESCO, E., PLON, M. “Denegação” (cf também os verbetes: “Renegação” e “Foraclusão”). In: _____. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 145s
- FERRAZ, F. “Uma visão winnicottiana da perversão: os caminhos da dissociação em Masud Kahn”. In *Revista Percurso* (29 02/2002) (cf texto anexo)
- BALINT, M. *A falha básica.: Aspectos terapêuticos na regressão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

A NEGAÇÃO (NEGATIVA) (1923)

Verneinung , dénéégation



INTRODUÇÃO

- Freud , ao analisar o conjunto de sua obra, costumava repetir que depois de publicar “Para além do princípio do prazer” (1920) e “O Ego e o Id” (1923) não tinha dado grandes contribuições à Psicanálise e que os textos publicados depois poderiam ser omitidos ou escritos por outros (cf. Carone).
- O que impressiona em F é a sua abertura para estar constantemente reavaliando e questionando suas contribuições para a construção do edifício teórico da Psicanálise, à luz da dificuldade de “capturar” em teorias a complexidade do funcionamento mental. Nisto consiste a meu ver a verdadeira preocupação com a “cientificidade” de suas teorias.
- O texto sobre o mecanismo psíquico da negação é claramente uma tentativa de lidar com mais uma das “obscuridades” do funcionamento mental.
- Quanto às polêmicas sobre a tradução do termo *Verneinung* (# *Bejahung*), (cf. artigo da Carone), prefiro usar aqui negação . Os demais termos cunhados pela escola francesa, denegação (*dénégacion*), renegação (*deni*) e forclusão aparecem em algumas publicações vinculadas a essa escola. É importante perceber que (cf. Roudinesco/Plon) apenas a negação (denegação) diz respeito a material recalcado (neurose), tanto a renegação como a forclusão se referem a material psíquico “escotomizado” (psicose).
- Do ponto de vista clínico, a identificação através da escuta flutuante do mecanismo psíquico da negação é uma importante forma de acesso ao inconsciente do paciente.

A NEGAÇÃO E A FALA DO PACIENTE

- F inicia o seu texto dando dois exemplos de processos associativos em que o paciente afirma explicitamente NÃO estar dizendo algo (“não é minha mãe”), quando na realidade é exatamente isso que ele quer dizer.
- “Existe um método muito conveniente, pelo qual podemos às vezes obter uma informação que desejamos sobre material reprimido inconsciente.” (p 265) . Isto consiste em perguntar ao paciente o que ele consideraria a associação menos provável.
- “o conteúdo de uma imagem ou idéia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja *negado*. “ (p 265)
- “A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido.” (p 265s)
- Função intelectual e processo afetivo são cindidos. F observa a partir disso que no processo analítico podemos ter êxito em vencer também a negativa e ocasionar uma plena aceitação intelectual do reprimido, porém o processo repressivo em si próprio não é, com isso, ainda removido.” (cf. p 266) -> resistência à assimilação dos processos afetivos.

A NEGAÇÃO COMO TENTATIVA DE PENSAMENTO

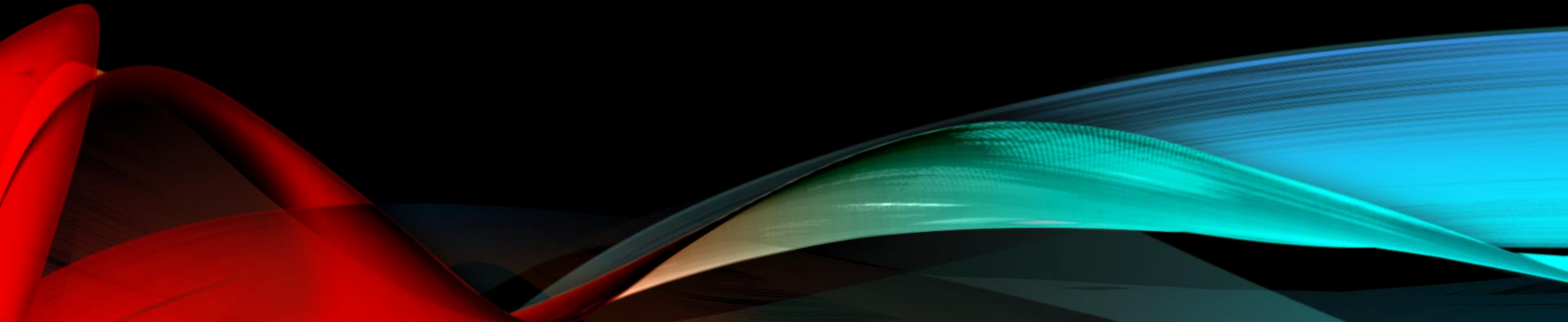
- “Com o auxílio do símbolo da negativa, o pensar se liberta das restrições da repressão e se enriquece com material indispensável ao seu funcionamento correto.” (p 266)
- Um primeiro julgamento é baseado no *princípio de prazer*: o que se nega é declarado como sendo desprazeroso e portanto como algo que deveria ser “cuspidor”, não introjetado.
- F observa que inicialmente (estágio primitivo): “Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos.” (p 267)
- Um segundo julgamento é baseado no *princípio de realidade*: “não se trata mais de uma questão de saber se aquilo que foi percebido (uma coisa) será ou não integrado ao ego, mas uma questão de saber se algo que está no ego como representação pode ser redescoberto também na percepção (realidade).” (p 267)
- Com o processo de desenvolvimento, o princípio de prazer deve negociar com o princípio de realidade (o que é investido como bom precisa ser real).
- “A antítese entre subjetivo e objetivo não existe desde o início. Surge apenas do fato de que o pensar tem a capacidade de trazer diante da mente, mais uma vez, algo outrora percebido, reproduzindo-o como representação sem que o objetivo externo ainda tenha de estar lá.” (p 267)

RELAÇÃO SUJEITO E OBJETO

- F observa que “o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade não é *encontrar* na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas *reencontrar* tal objeto, convencer-se de que ele está lá” (p 267) -> EM TERMOS WINNICOTTIANOS, busca da experiência primária com o objeto subjetivo (MÃE AMBIENTE)
- Uma função essencial do “pensar” é permitir a diferenciação entre subjetivo e objetivo. Neste caso o teste de realidade visa testar a adequação da representação ao objeto.
- Uma observação de F chama a atenção: “Contudo é evidente que uma condição para o estabelecimento do teste de realidade consiste em que objetos, que outrora trouxeram satisfação real, tenham sido perdidos.” (p 268) -> cf. meu artigo “A mãe suficientemente boa pode ser esquecida?”
- F define o pensar como uma “apalpação” do mundo real que permite simular internamente a ação. -> “O ego envia periodicamente pequenas quantidades de catexia para o sistema perceptual, mediante as quais classifica os estímulos externos e então, depois de cada um desses avanços experimentais, se recolhe novamente.” (p. 267)
- “A polaridade de julgamento parece corresponder à oposição dos dois grupos de instintos que supusemos existir. A afirmação — como um substituto da união — pertence a Eros; a negativa — o sucessor da expulsão — pertence ao instinto de destruição.” (p 267s)

DIVISÃO DO EGO (1938)

Verleunung, renegação (deni), forclusão



A FORMAÇÃO DO EGO

Para a compreensão do texto retomo algumas considerações contidas no Cap. VIII de *Esboço de Psicanálise* (1940/1938):

- O “ego deve a sua origem, bem como a mais importante de suas características adquiridas, à sua relação com o mundo externo real.” (p 215) -> F presume portanto que os estados patológicos do Ego “fundamentam-se numa cessação ou num afrouxamento dessa relação com o mundo externo” (Id., Ibid.), embora reconheça que isso não se dá de forma completa.
- Nesses casos ocorre portanto uma divisão psíquica no Ego (split): “Duas atitudes psíquicas formaram-se, em vez de uma só — uma delas, a normal, que leva em conta a realidade, e outra que, sob a influência dos instintos, desliga o ego da realidade.” (p 215) -> F parece excluir que existe no funcionamento psíquico “normal” uma polaridade psíquica entre mundo interno e externo, mas aqui ele parece admiti-la ao afirmar que o resultado deriva da força relativa dos instintos.
- A divisão do Ego manifesta-se de forma drástica na psicose, mas também de forma mais atenuada nas perversões, em articular no fetichismo (negação/admissão da castração) e nas próprias neuroses (cf. p 216).

REPRESSÃO E CISÃO DO EGO

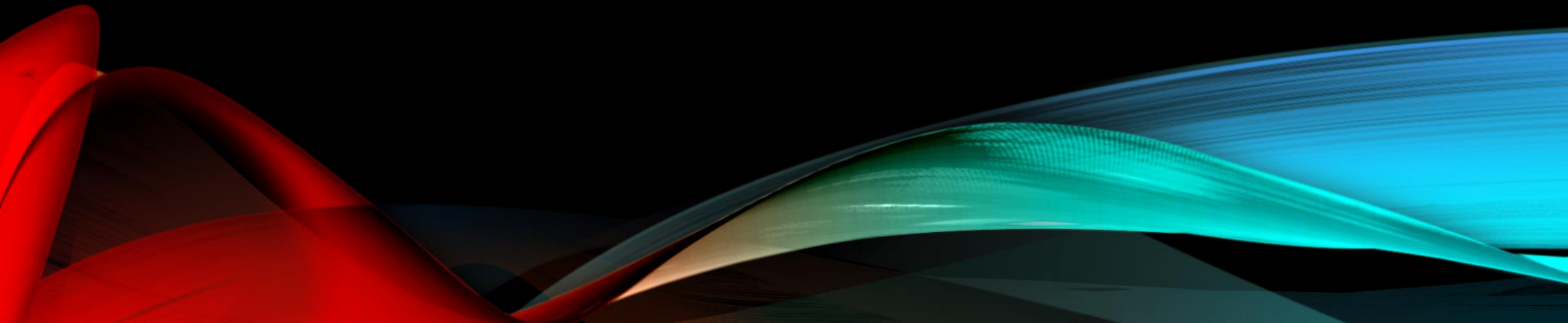
- A tese inicial de que “o ego da criança, sob o domínio do mundo real, livra-se das exigências instintivas indesejáveis através do que é chamado de repressões.” (p 217), deve ser complementada, com a tese de que “o ego com bastante frequência se encontra em posição de desviar alguma exigência do mundo externo que acha aflitiva e que isto é feito por meio de uma *negação* das percepções que trazem ao conhecimento essa exigência oriunda da realidade.” (p 217) -> trata-se de tentativa “incompletas” de desligamento da realidade. Mais uma vez F atribui a origem e o resultado dessas tendências psíquicas a fatores intrapsíquicos (que outros [Freud] atribuirão ao trauma).
 - “Seja o que for que o ego faça em seus esforços de defesa, procure ele negar uma parte do mundo externo real ou busque rejeitar uma exigência instintiva oriunda do mundo interno, o seu sucesso nunca é completo e irrestrito. O resultado sempre reside em duas atitudes contrárias, das quais a derrotada, a mais fraca, não menos que a outra, conduz a complicações psíquicas. Para concluir, é necessário apenas apontar quão pouco de todos estes processos se torna conhecido de nós através de nossa percepção consciente.” (p 217s)

MEDO DA CASTRAÇÃO

- Para falar sobre o mecanismo de cisão do Ego, F recorre a um caso clínico que ilustra como a psique pode fugir de percepções aflitivas vindas do princípio de realidade, mediante um mecanismo que não é assimilável à repressão e sim a uma negação parcial da realidade.
- O conflito se dá “entre a exigência por parte do instinto e a proibição por parte da realidade.” (p 293)
- A reação da mente diante do conflito é dupla: rejeita a realidade e a frustração do seu desejo e concomitante “reconhece o perigo da realidade, assume o medo desse perigo como um sintoma patológico [fetiche] e subsequentemente tenta desfazer-se do medo” (p 293)
- Contudo essa solução do conflito tem um preço: “uma fenda no ego, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa.” (p 293) -> “As duas reações contrárias ao conflito persistem como ponto central de uma divisão (*splitting*) do ego.” ((p 293)
- “A função sintética do ego, embora seja de importância tão extraordinária, está sujeita a condições particulares e exposta a grande número de distúrbios.” (p 294) . -> Cronos (caso clínico)...

UMA VISÃO WINNICOTTIANA DA PERVERSÃO E DISSOCIAÇÃO DO EU

Cf. artigo de Flávio Carvalho Ferraz (ver bibliografia)



PERVERSÃO E DISSOCIAÇÃO EM MASUD KAHN

Nas discussões que animam o cenário psicanalítico é importante perceber que Winnicott desenvolveu uma metapsicologia e uma clínica próprios. O artigo de Ferraz tem o mérito de mostrar o caminho teórico que levou a essa nova metapsicologia, tão nova que, foi definida por Loparic como “um novo paradigma” que se distânciava de F e da psicanálise.

Aqui me limitarei a mostrar as diferenças que dizem respeito ao tema da dissociação, relacionado ao da perversão. No estudo que dela faz M. Kahn, discípula de W.

- Kahn aproxima F e Marx como os teóricos da “alienação”. “Marx mostrando a pessoa alienada na sociedade, e Freud, de si mesma” (p 80).
- Na perversão opera o mecanismo da dissociação, que remete a uma grave patologia do Ego., que NÃO é apenas uma formação pré-genital, mas uma patologia mais próxima da psicose do que da neurose.
- Neste sentido o perverso buscaria na realidade mais um alívio de sua angústia do que prazer.

O MUNDO “OBJETIVO” DO PERVERSO

- O objeto que o perverso investe é um objeto impessoal, algo próximo daquilo que o bebê usa como **objeto transicional** (mãe->ursinho de pelúcia). Tal objeto é impermanente, criado, manipulado, submetido a abusos, destruído, descartado, idealizado, tratado com ternura.
- Prevalece com tal objeto uma relação privada e secreta (criada por seu mundo interno) que remete à relação primitiva que o bebê tem com a mãe (**objeto subjetivo** winnicottiano).
- “Se na psicose a realidade objetiva do objeto externo é negada, (...), na perversão o objeto (...) é subjetivo, é registrado, aceito como separado, mas é tratado como se tivesse sido criado subjetivamente” (p 81).
- “A perversão decorre de uma espécie de arrogância” que decorre de sua negação da necessidade de dependência passiva” (p 82).
- A dissociação do perverso se deve a uma espécie de “duplo vínculo” com a mãe permissiva, mas cuja afetividade é falha (intimidade corporal, autoerótica, mas não afetiva).

CONCEPÇÃO DA DIVISÃO DO EGO EM FREUD E WINNICOTT

- Em F a dissociação, como vimos, resulta de um mecanismo de recusa (*verleugnung*) , que se relaciona à angústia de castração e ao desfecho do complexo de Édipo, uma defesa que desvia da renúncia e do recalque (neurose).
- Em W a dissociação é um processo primário, (precoce) pré-edípico , no âmbito de uma metapsicologia própria (cf. texto).
- À diferença de Klein, contudo W não vê o bebê como um sujeito capaz de se relacionar com objetos. Portanto para W a dissociação (*spaltung*) *não é um processo ativo* e sim algo devido a falhas na provisão ambiental da qual o bebê precisa para se constituir psiquicamente e desenvolver sua capacidade de integração.
- Balint atribuí a dissociação a uma “falha básica”, que distorce o encontro com a realidade , encontro que para W é proporcionado por uma mãe ambiente capaz de atender ao potencial alucinatório do seu *bebê. 9mãe suficientemente boa*).